

# A história bem sucedida do mercado editorial

O fértil intercâmbio começou há 169 anos com a chegada das editoras Laemmert e Garnier, que ajudaram a consolidar a cultura brasileira

por Daniel Piza  
de São Paulo

É difícil imaginar um setor em que as relações bilaterais França/Brasil tenham tido mais regularidade e fertilidade do que o mercado editorial – principalmente no sentido de lá para cá. Essa história já tem 169 anos, porque foi em 1827 que a livraria e editora (ou casa de livros, como se dizia na época) Laemmert, de propriedade de um francês, começou a funcionar no Rio de Janeiro. Dezesesseis anos depois a Laemmert ganhou sua grande rival, a Garnier, considerada a maior editora brasileira do século XIX. Dali em diante o sotaque francês entrou de vez na fala nacional.

O francês Baptiste Louis Garnier foi o editor de clássicos da literatura nacional como os de Machado de Assis, Lima Barreto, Aluisio Azevedo, José de Alencar e outros. Na sede da Garnier, na rua do Ouvidor, Machado tinha uma cadeira especial e ali recebia Rui Barbosa e Joaquim Nabuco para trocar inteligências. A cidade maravilhosa, na época, era obrigada a fazer biquinho quando o assunto da conversa fosse livro: além da Laemmert e Garnier, Plancher, Villeneuve e Didot disputavam as criações dos talentos nativos e, quase sempre, as enviavam a Paris para serem editadas. Sem os franceses, enfim, não haveria cultura brasileira – a ponto de nosso maior escritor, Machado, ter escrito poemas e peças diretamente no idioma de Voltaire.

Que os digam os primeiros alunos da USP. Quando criada, em 1935, a Universidade de São Paulo não poupou modéstia e chamou um time de professores franceses invejável, capitaneado por Roger Bastide, Claude Lévi-Strauss e Fernand Braudel. Eles formaram a primeira grande ge-



Jean-Paul Sartre (1905-1980)

ração de intelectuais acadêmicos brasileiros, a do sociólogo Florestan Fernandes, e esta por sua vez formou a do presidente Fernando Henrique Cardoso, aluno de Florestan e depois da Sorbonne, em Paris. Dos índios brasileiros Lévi-Strauss tirou a pedra-de-toque de sua antropologia: estudando os bororos, ele concluiu que as sociedades primitivas ameríndias distinguem-se das européias por uma menor rigidez na estrutura social e uma maior abertura ao estranho e ao novo. O livro resultante dessa percepção, “Tristes Trópicos” (que a Companhia das Letras relança em agosto), é o carro-chefe de toda sua obra posterior.

A francofilia foi, portanto, a tônica dominante nas letras nacionais até os anos 60. Desde então, com a americanização do mundo e especialmente do Brasil, e também a

decadência cultural francesa pós-Sartre (que esteve aqui em 1964, falou em Araraquara, hospedou-se no Copacabana Palace no Rio e deixou as toalhas intactas), a coisa mudou de figura. Quantos brasileiros conhecem os escritores importantes da França recente, como Claude Simon, Michel Tournier e Jean Giono? Ainda assim, mantém-se certa ligação, sobretudo nas academias nacionais, onde nomes como o do pensador Jacques Derrida são adorados (infelizmente o Derrida cabalista da primeira fase, não o mais pragmático da última) e desconhece-se, por exemplo, o americano Richard Rorty e tantos outros. O filósofo-star Bernard Henri-Lévy também é conhecido por aqui, graças a seu “Aventuras da Liberdade”, exibido pela TV Cultura há três anos. Os pós-mo-